

PEDRO PAIXÃO

A MUSA IRREQUIETA



CONTOS DIGITAIS



CONTOS DIGITAIS

PEDRO PAIXÃO

A MUSA IRREQUIETA

escritório
editora



— • —

Lista de autores, por ordem de saída dos contos:

*Pedro Paixão | João Tordo | Rui Zink | Luísa Costa Gomes | Eduardo Madeira | Inês Pedrosa
Afonso Cruz | Gonçalo M. Tavares | Manuel Jorge Marmelo | Mário de Carvalho
Dulce Maria Cardoso | Pedro Mexia | Fernando Alvim | Possidónio Cachapa | David Machado
JP Simões | Rui Cardoso Martins | Nuno Markl | João Barreiros | Raquel Ochoa | João Bonifácio
David Soares | Pedro Santo | Onésimo Teotónio Almeida | Mário Zambujal | Manuel João Vieira
Patrícia Portela | Nuno Costa Santos | Ricardo Adolfo | Lídia Jorge | Sérgio Godinho*

Para aceder aos restantes contos visite: [Biblioteca Digital DN](#)

Contos Digitais DN

A coleção **Contos Digitais DN** é-lhe oferecida pelo **Diário de Notícias**, através da [Biblioteca Digital DN](#).

Autor: Pedro Paixão

Título: A Musa Irrequieta

Ideia Original e Coordenação Editorial: Miguel Neto

Design e conceção técnica de ebooks: Dania Afonso

ESCRITÓRIO editora | www.escriptorioeditora.com

© 2012 os autores, DIÁRIO DE NOTÍCIAS, ESCRITÓRIO editora

ISBN: 978-989-8507-09-9

Reservados todos os direitos. É proibida a reprodução desta obra por qualquer meio, sem o consentimento expresso dos autores, do Diário de Notícias e da Escritório editora, abrangendo esta proibição o texto e o arranjo gráfico. A violação destas regras será passível de procedimento judicial, de acordo com o estipulado no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos.

sobre o autor

— • —

Pedro Paixão

Nasceu em Lisboa, em 1956. Estudou Filosofia na Universidade Católica de Lovaina, na Bélgica, onde se doutorou aos 29 anos de idade, apresentando uma tese sobre “o conceito de alma”. Lecionou na Universidade Nova de Lisboa durante alguns anos, tendo abandonado a carreira académica em 2004. Ajudou a fundar o jornal *O Independente* e, juntamente com Miguel Esteves Cardoso, criou a agência de publicidade Massa Cinzenta, da qual foi sócio-gerente até 1995. Estreou-se na literatura com *A Noiva Judia* (1992) e publicou até agora 21 livros e dois álbuns de fotografia. Escreveu ainda dois textos para teatro e uma ópera.

Apesar de ter continuado a publicar desde então, destacamos, de entre a obra editada, o volume *Do Mal o Menos* (2000), por reunir toda a sua escrita ficcional até à data.

Mais informações em www.pedropaixao.net

A Musa Irrequieta

— • —

Pedro Paixão

Durante demasiados anos tentei ser professor. Ainda é relativamente fácil escolher uma entre múltiplas marcas de iogurte, mas não escolhemos a língua onde nascemos, nem a pessoa que nos assalta a vida. Eu tinha um doutoramento em literatura inglesa e não se tinha aberto outra possibilidade de emprego senão ensinar parte do que sabia. Foi uma profissão da qual nunca gostei, sobretudo porque ensinar literatura me retirava a capacidade de escrever literatura, ou pelo menos assim o julgava. Mas tinha as suas vantagens, em particular tempo livre para procurar viver a minha vida.

Cedo descobri um estratagema que me aliviava o esforço e a ansiedade de falar para um conjunto de seres que me olhavam sem eu poder adivinhar o que lhes ia pela cabeça. No começo do semestre elegia uma aluna, ou por ela era eleito, para a qual passava a falar em exclusivo. Era uma privacidade que eu acreditava sustentar, e mesmo melhorar, a qualidade do meu discurso, o qual por vezes sentia ganhar asas. Se a eleita se atrasava uns minutos, eu esperava por ela para começar a aula percorrendo impacientemente o estrado de um lado para o outro com os olhos cravados num ponto invisível diante de mim. Se faltasse, a aula era uma pequena catástrofe, desculpando-me com uma súbita queda de tensão para a reduzir a metade. Também sabia que a condição indispensável para garantir aquela relação mágica era não ter qualquer contacto directo com a minha inspiradora musa. Evitava tanto quanto possível parar o meu olhar sobre ela, nunca lhe dirigia a palavra, não lhe dando qualquer indício de uma atenção privilegiada. E, assim como tinha começado, no final do semestre, por pura magia ela desaparecia de todas as minhas fantasias, regressando ao mundo de onde viera e do qual eu nada sabia, nem nada desejava saber.

A Eva foi a culpada de ter para sempre desequilibrado aquele frágil equilíbrio. Logo no primeiro dia de aulas, muito antes de saber o seu nome, destacava-se de tal modo que ocultava a presença de todos os outros espectadores. Era impossível não reparar nos seus cabelos de ouro, nos seus olhos grandes, na mancha muito vermelha da sua boca que a convertiam numa estrangeira exilada no nosso país. Mas era o seu comportamento que a tornava única e misteriosa, como o deve ser uma autêntica musa. No final da aula, em vez de se levantar e sair da sala com os colegas, ficava para trás, continuando imóvel sobre a cadeira, olhando em frente. A qualquer altura da lição interrompia-me com uma pergunta inteligente, mas era sobretudo a sua voz que me encantava, e ao tentar responder-lhe tinha de controlar a agitação que esta me provocava. Quando anunciava que não poderia dar a próxima aula por algum motivo real ou fictício, ela levantava-se e exigia, para consternação dos colegas, que se marcasse de imediato uma aula de substituição. Mas eu tencionava cumprir o meu contrato e nunca lhe dirigi a palavra em privado, nem lhe dei qualquer indício de ser ela, e só ela, para quem dolorosamente escrevia as minhas aulas. Aconteceu mesmo encontrarmo-nos lado a lado dentro de um elevador, passando eu toda a viagem olhando fixamente a porta metálica diante de mim. Como se receasse que ao olhá-la nos olhos ela fosse a Medusa cuja terrível beleza para sempre me transformaria numa estátua de mármore.

Foi na aula de encerramento do semestre que começou o descabro e, simultaneamente, a maravilha. Quando arrumava os livros e apontamentos preparando-me para sair, sem que o notasse, a Eva aproximou-se do estrado e disse-me que precisava de falar comigo. Sem me dar tempo para responder esperou que todos os alunos deixassem a sala para fechar a porta do anfiteatro e ir buscar uma cadeira na qual se sentou diante de mim. Senti medo. O meu idealizado contrato estava a ser quebrado e eu já não sabia o que poderia acontecer. A Eva foi directa ao assunto: professor, peço-lhe que me dispense do exame e me dê a nota dez porque tenho pressa de partir para uma viagem na América do Sul. Passado algum tempo, que me pareceu árduo de percorrer, respondi-lhe que isso estava fora de questão, que para ter uma nota tinha de fazer o exame na data marcada para todos os colegas. Não insistiu, e, sem dizer palavra, levantou-se e saiu da sala batendo a porta atrás de si. Eu fiquei sentado, a cabeça a latejar pousada sobre as mãos, ouvindo o sangue a bater nas veias. A minha musa era uma rebelde e a sua beleza indomável. Em vez de se esvanecer, como era presumido, tinha-se metamorfoseado num supremo objecto de desejo que me punha a alma em alvoroço. Salvou-me a esperança. Como iria deixar para sempre de ser minha aluna, tornava-se possível vir a ter com ela uma relação apenas humana. Só que não tinha a menor ideia nem de que tipo, nem como proceder.

Foi ela que fez o que eu não podia fazer por ela. Durante o mês e meio de intervalo

entre semestres chegaram ao meu cacifo da faculdade três cartas assinadas pela Eva, cada uma acompanhada por um postal ilustrado. A primeira vinha de Nova Iorque e contava que tinha apanhado um táxi do aeroporto para a cidade cujo motorista estava completamente pedrado, não parava de fumar marijuana, ameaçava raptá-la para um bairro violento, tendo terminado por ser ela a conduzir o táxi até Manhattan, com o motorista adormecido no banco detrás. A segunda carta provinha do México e falava exclusivamente de uma rapariga de olhos verdes pela qual se tinha apaixonado e um dia desapareceu levando, entre outras coisas, a sua máquina fotográfica. A última vinha da Patagónia, no sul da Argentina. No postal, uma paisagem deserta, escrevera a epígrafe do livro de Bruce Chatwin, um dos autores de que tinha falado durante o semestre: Já nada existe senão a Patagónia que convenha à minha imensa tristeza. E assinou com uma única e enigmática frase: tu já vives na minha vida, se não fosses tu seria outra.

Era sempre com um arrepio que lia e relia aquelas missivas. Eu já ansiava pela hora em que a teria de novo à minha frente, ao mesmo tempo que fazia promessas de não a procurar em nenhum lado. Ela devia ter metade da minha idade e o que quer que pudesse acontecer-nos parecia-me inevitavelmente um caminho sem saída. Telefonei à mãe do meu filho, que continuava a ser a minha melhor amiga, procurando um conselho sensato que me aliviasse daquela aflição que crescia. A mãe do meu filho riu-se muito de mim, depois de eu lhe contar todos os detalhes daquela peculiar relação, e disse para eu não me preocupar com nada. Que deixasse a vida passar e tudo por si se resolveria. Não fiquei sossegado. Eu não sabia nada da Eva, muito menos o que poderia fazer com ela, mas por vezes o desejo por aquele fantasma era tão intenso que tinha de tomar comprimidos se quisesse dormir.

Recomeçaram as aulas, passaram-se meses, as musas deixaram de existir e a Eva era já uma imagem que não podia por completo reaver, que fugia mal a desejava fixar como numa fotografia. Mas, como notou Aristóteles, é provável que coisas improváveis aconteçam. Estava eu a passear numa tarde de inverno na deserta praia quando vejo avançar para mim, saindo do nevoeiro, a minha adorada musa renascida. Julguei, por momentos, estar a alucinar. Ela abraçou-me com muita força e depois deixou de me abraçar e começámos a andar um ao lado do outro sem dizer uma única palavra. Eu não saberia por onde começar, todas as palavras estariam a mais e seriam insuficientes. Foi ela que disse: vamos embora daqui. Dentro do meu carro ela pôs um disco compacto que trazia consigo e me pareceu ser música árabe, pôs os pés descalços sobre o *tablier* e, passado um quarto de hora de olhar as ondas a castigarem a areia, disse: leva-me a casa. Foi o que fiz. Não nos tocámos, nem nos despedimos. Deixou um papelinho no assento e saiu sem se virar uma só vez. Eu continuei parado a ouvir a música que já não me parecia árabe, mas sim indiana ou persa. No papelinho estava escrito um número de telefone.

Aguentei uma e depois outra semana e depois bebi de seguida dois cálices de Vinho do Porto e telefonei. Eva, não sei o que te diga, vou passar estes dias da Páscoa a uma casa que a minha irmã tem no sul, gostava que viesses comigo, não sei o que te diga. Ela respondeu como se nos conhecêssemos há anos: só posso ir na sexta, tenho uma consulta antes, eu vou ter contigo. Como? Apanho um autocarro e tu vais-me esperar ao autocarro que chegue mais perto das cinco da tarde. Erradamente eu nunca supusera que as musas pudessem andar em transportes públicos, mas às quatro e trinta e cinco de sexta-feira, a Eva desceu do autocarro e dirigiu-se para mim com uma camisa branca impecavelmente passada a ferro, *jeans* muito justos, enrolada dentro de um casaco curto de lã quente e azul. Parecia ter saído do chuveiro um quarto de hora atrás e quando me abraçou a pele dela cheirava a Primavera, a flores, a bebé.

Eu tinha feito e refeito planos para a entreter: construído imaginadas lições sobre a viagem de regresso de Ulisses aos braços de Penélope, escolhido e voltado a escolher poemas de Kavafis que lhe gostaria de ler, telefonado para quatro restaurantes sem me conseguir decidir por nenhum. Mas, como sempre, a vida é imprevisível. Primeiro ela quis ver o mar, depois quis tirar os sapatos para molhar os pés, depois veio uma onda mais forte que lhe molhou as calças arregaçadas. Eu não estava em mim. Mal chegámos à casa da minha irmã pedi para tomar um banho quente e trocar de roupa. Fui para a sala tentar ler, mas não conseguia sair da mesma linha. Quando reapareceu pareceu-me mais maravilhosa do que nunca. A Eva era uma deusa do mar, um ser anfíbio que não pertencia a ninguém nem a lugar nenhum, uma mulher inexplicável como o são todas as musas. O que eu mais queria era beijar os caracóis do seu cabelo, o pescoço alto, os seios escondidos por uma fina camisola de caxemira. Claro está que não ia fazer nada disso.

Ela tinha a idade do meu filho e eu tinha a obrigação de ser responsável pelo que acontecia, nada iniciando que lhe pudesse fazer mal e de que eu me pudesse vir a culpar sem remissão dos pecados. De manhã tinha telefonado à mãe do meu filho para me lembrar e convencer de que continuava uma pessoa moral, enquanto do outro lado do aparelho só a ouvia rir, como se a minha vida se tivesse subitamente transformado numa comédia. O que eu receava era a tragédia desde sempre anunciada.

Não me lembro do que comemos, de facto nem sequer me lembro de comer, preso aos movimentos lentos das suas mãos e dos seus lábios, petrificado face à inextinguível beleza. A noite estava magnífica mostrando todas as suas estrelas e, como não estava frio, resolvemos subir para o pátio superior da casa onde havia dois canapés nos quais nos deitámos olhando o brilho do mar e a imensidade do céu. Disse-lhe, depois de um demorado silêncio, sem saber bem o que dizia: Eva, tu és o céu da minha boca, a mais resplandecente das estrelas. Para ser perfeito só falta uma sinfonia de Mahler, disse ela como se fosse uma resposta. Senti-me tremer. No iPod que o meu filho me tinha

oferecido pelo Natal eu tinha gravadas as dez sinfonias de Gustav Mahler e eu tinha o iPod no bolso das minhas calças desde que a tinha ido esperar ao autocarro, para o caso de ela se atrasar ou, grande horror, não chegar a vir. Recomeçou a magia. Aproximei o meu canapé do dela, escolhi o *adagietto* da quinta sinfonia e, como só tínhamos um par de auscultadores, eu fiquei com o da esquerda e ela com o da direita. A música, a noite, o suave vento entonteciam-me. Fechei com força os olhos pedindo que aqueles momentos ficassem para sempre e depois senti qualquer coisa terna, viva e quente a percorrer o meu pescoço até achar a minha boca. Era a boca dela. Assim começou um beijo que se prolongou durante muito tempo. Fazer amor com ela era uma cerimónia deliciosa e delicada, que já me julgava para sempre negada, e tudo era uma surpresa. Dar-lhe prazer de todas as maneiras, as mais subtis, e unicamente isso, parecia-me, em desvairadas horas, ser o meu destino por fim revelado.

Durante alguns meses senti-me feliz se bem que, de quando em quando, me assaltasse uma dúvida dolorosa. Eu tinha idade para saber que a paixão promete o que não pode: durar eternamente. Pelo contrário, consome-se, e quanto mais violenta mais célere. E depois vinha sempre a diferença de idade. Num restaurante perguntaram-me o que é que a minha filha desejava comer. Num concerto na Gulbenkian um antigo colega aproximou-se de nós e disse: imagina tu que julgava que tinhas um filho, não uma filha. Quando ela conheceu o meu filho ocorreu-me que eles pudessem ser namorados e nessa noite sonhei que fugiam juntos enquanto eu chorava. Senti culpa e vergonha. A minha relação com a minha adorada amante tinha qualquer coisa de incestuoso que eu não pretendia aprofundar, mas me fazia por vezes sofrer. Tinha receio de não ser eroticamente suficiente, de me faltar algo, do corpo me trair e, pior que tudo, que ela subitamente anunciasse que, sem querer, se tinha apaixonado por um jovem campeão em qualquer coisa. De qualquer modo era um escândalo e quando ela me começou a dizer que gostava que eu conhecesse o pai dela, eu arranjava desculpas para adiar a data. Era bem possível que o pai dela tivesse frequentado, ao mesmo tempo que eu, o Jardim-Escola João de Deus.

A vida é cheia de reviravoltas e se uma história tem de fazer sentido para que se possa ler, o que de facto acontece escapa excessivas vezes a uma qualquer compreensão. Foi justamente isso que aconteceu. Depois de regressar da universidade de Austin nos Estados Unidos, onde durante seis semanas conduzi um seminário sobre a primeira poesia de W. H. Auden, a pessoa que me esperou no aeroporto com um ramo de rosas, beijos e algumas lágrimas, não era a mesma que eu tinha deixado adormecida no dia em que parti. Precisei de tempo para a reconhecer. Teria perdido talvez dez quilos. Debaixo da pele transparente da cara desenhavam-se veias azuis. E, mais chocante que tudo, o seu cabelo que eu idolatrava já não era o seu cabelo, mas sim o de uma peruca. De novo

todas as palavras me pareceram inúteis. Dentro do carro confessou-me que a doença já tinha sido detectada antes de nos conhecermos, e, de repente, alastrou como uma gota de veneno num copo de leite. Foi ela que usou esta imagem. Só então me lembrei de alguns indícios aos quais não tinha dado importância. O sangrar pelo nariz. Súbitos cansaços. Dias em que me dizia que precisava de estar sozinha e desaparecia. Sobretudo aquela vontade de viver tudo, aprender tudo, a constante inquietação de existir uma meta e um tempo marcados. De um momento para o outro era ela que se encontrava mais perto da morte do que eu, trocando de lugar na fila dos condenados à nascença.

Foram só precisos dois meses para a minha amada musa desaparecer deste mundo que não a merecia. Morrer é ainda mais misterioso do que nascer e é de facto absolutamente incompreensível: estar vivo e depois deixar de viver, estar aqui e depois deixar de estar aqui, sem nunca chegarmos a saber o que é isso a que chamamos vida. Nas últimas semanas, que passou em casa, a Eva já não era a Eva, mas eu insistia em falar-lhe dos autores e dos livros que eu sabia serem os seus favoritos e lia-lhe poemas até desmaiar de cansaço sentado num cadeirão. Na missa do funeral a mãe pediu-me que lesse a passagem das escrituras que fala de amor e de morte. Demorei meses a recompor-me, se bem que nunca mais tenha vindo a ser quem quer que antes tenha sido.

Para saber o que é a vida é preciso morrer. Deixei de dar aulas, desistindo de ensinar o que quer que seja a quem quer que seja, vim viver para o primeiro andar da casa da mãe do meu filho, comecei a escrever. Era a minha musa exigente e irrequieta que a isso me obrigava, ou pelo menos estava disso convencido, o que é o mesmo. Dedico-lhe todos os meus livros que têm tido sucesso embora ignore por completo porquê. Nunca me tinha passado pela cabeça que o que escrevo pudesse interessar alguém, muito menos que esse alguém desse dinheiro por um deles. Não sou feliz, nem infeliz.guardo as horas. Todas as primeiras terças-feiras de cada mês passeio pelo cemitério dos Prazeres e levo-lhe rosas. Um dia, em que já não haja dias nem horas, voltarei a sentir o abraço dos teus braços e perder-me-ei de novo no brilho dos teus olhos.

O que vivi merece ser escrito, para me lembrar que vivi.

Este texto foi escrito de acordo com a antiga ortografia.

Para aceder aos restantes contos visite: [Biblioteca Digital DN](#)